

GEOGRAFIA SENSÍVEL E SUAS ORIGENS NA ESTÉTICA

Sensuous geography and its aesthetics origins

Bianca Beatriz Roqué¹

RESUMO

Na percepção do espaço geográfico, as pessoas utilizam-se dos sentidos fisiológicos (visão, audição, tato, olfato, paladar), e, ao mesmo tempo, atribuem significados simbólicos, relativos aos sentimentos suscitados ao serem afetados pelo ambiente circundante. Tais estudos da ciência geográfica são mais recorrentes em países de língua inglesa, conceituados como *Sensuous Geographies*, e possuem sua origem embasada no conceito filosófico de Estética. O objetivo deste trabalho é investigar autores e temas que discutem a Estética e os sentidos na Geografia, buscando identificar as raízes destas discussões, bem como suas repercussões nos trabalhos atuais. A metodologia utilizada foi a compilação de trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais relativos a esse conceito, e como resultados são apresentadas as investigações desde Kant até os dias atuais.

Palavras-chave: *Sensuous Geographies*. Estética. Percepção.

ABSTRACT

In the perception of geographical space, people utilize the physiological senses (sight, hearing, touch, smell, taste), and, at the same time, attribute symbolic meanings related to the feelings aroused when affected by the surrounding environment. These studies of geographical science are most common in English-speaking countries, conceived as *Sensuous Geographies*, and are based on the philosophical concept of aesthetics. The aim of this paper is to investigate authors and themes that discuss Aesthetics and the senses in Geography, seeking to identify the roots of these discussions, as well as their repercussions in current works. The methodology employed was the compilation of works published in national and international journals related to this concept, and the results present investigations from Kant to the present day.

Keywords: *Sensuous Geographies*. Aesthetics. Perception.

¹ Graduada em Administração com habilitação em hotelaria e turismo pela Universidade de Taubaté, mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande, doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Paraná. biancabeatrizroque@gmail.com.

✉ Av. Cel. Francisco H dos Santos, 100, Ed. João José Bigarella, Jardim das Américas, Curitiba, PR. 81530-900.

INTRODUÇÃO

A hegemonia do sentido visual atribuída pela sociedade ocidental reflete-se na ciência. O conceito de espaço geográfico bem como os derivados deste (paisagem, lugar, território, região), são usualmente discutidos a partir de uma perspectiva imagética, que dá ênfase às formas em detrimento de uma perspectiva mais ampla, que englobe todos os sentidos fisiológicos (visão, audição, olfato, paladar); levando em conta os significados simbólicos, relativos aos sentimentos suscitados ao serem afetados pelo ambiente circundante.

Porém, ainda que marginalizadas as discussões sobre os sentidos na ciência geográfica, estas pesquisas não são recentes. Desde a década de 20 do século passado, alguns teóricos já apontavam a relação entre as pessoas e os ambientes, constituído a partir das percepções humanas. O presente artigo tem por objetivo investigar autores e temas que discutem e/ou aplicam a percepção e os sentidos humanos na formulação de suas pesquisas na Geografia, buscando identificar as raízes destas discussões, bem como suas repercussões nos trabalhos atuais.

Ao iniciar tais investigações, foram constatadas as relações entre geografia e filosofia, já que as explorações sobre os sentidos humanos têm origem no conceito filosófico de Estética, termo cunhado pelo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762) em 1735, definido como “ciência do conhecimento sensível” (FIGURELLI, 2007, p. 13-14). Para reforçar tal definição, Porteous (1996, p. 19) traz a origem da palavra Estética, e aponta sua relação com a percepção sensível:

A palavra ‘estética’ deriva do grego *aisthanesbai*, ‘perceber’ e *aisthea* ‘coisas perceptíveis’, em contraste com as coisas imateriais. Por isso, o Oxford English Dictionary está correto ao definir estética como conhecimento derivado dos sentidos. Uma

definição relacionada, a do filósofo Kant, considera a estética como ‘a ciência das condições da percepção sensível’².

Entretanto, Madenfort (1974, p. 5) evidencia que o termo Estética não se aplica somente ao conhecimento sensível, “embora este seja o significado predominante do termo, foi colocado para outros usos; especialmente em falar de arte quando a referência é ‘formal’ ou ‘artístico’”³. O objeto de estudo da Estética é predominantemente arte, uma das formas de expressão dos sentimentos humanos. As investigações englobam tanto o estudo dos objetos artísticos quanto os efeitos que estes objetos provocam nos observadores.

A Estética é a área da filosofia que estuda racionalmente o belo, e o sentimento que desperta nas pessoas. Os tipos de valores pelos quais os objetos são julgados, na filosofia são o belo, aquilo que causa atração, e o feio, aquilo que causa repulsão. A princípio, o conceito de Estética é associado somente ao belo. Mas Name (2010, p. 175) lembra que há “uma desmesurada e não admitida valorização do sentido estético da paisagem, que se resume à noção de beleza – esquecendo-se que uma paisagem pode ser ‘esteticamente repulsiva’”, sendo possível, portanto, associar a Estética também ao feio.

Apesar de a arte ser um dos objetos de estudo da Estética, não significa que é o único. O que propõe-se aqui é a investigação de como espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia, foi analisado esteticamente. A abordagem humanista e fenomenológica considera as percepções das pessoas para a análise espacial, constituindo uma

² Tradução livre de: “The word ‘aesthetics’ derives from the Greek *aisthanesbai*, ‘to perceive’ and *aisthea* ‘things perceptible’, as contrasted with things immaterial. Hence the Oxford English Dictionary is correct in defining aesthetics as knowledge derived from the senses’. A related definition, that of the philosopher Kant, regards aesthetics as ‘the science of the conditions of sensuous perception’”.

³ Tradução livre de: “Though this is the predominant meaning of the term, it has been put to other uses; especially in talk about art when the reference is to ‘formal’ or ‘artistic.’”

relação, uma via de mão dupla em que o fenômeno está no entremeio percebido-percipiente, e não somente um espaço **em-si**, desprovido de alguém que lhe possa atribuir significados.

Nota-se aqui que a palavra sentido possui uma dupla acepção: a primeira, dos sentidos humanos fisiológicos (visão, audição, tato, olfato, paladar), percebida com os órgãos dos sentidos, a segunda, de atribuir significados às percepções, de modo a ser afetado pelos ambientes circundantes. Para Rodaway (2002, p. 5)

a ambiguidade do termo 'sentido' – referindo-se a órgãos sensoriais específicos (sensação) e construções mentais mais amplas (significado) – é também um relacionamento entre a experiência imediata e a extrapolação metafórica⁴.

Porteous (1996, p. 22) denomina esta diferença respectivamente por Estética Sensorial e Estética Simbólica, já explicitadas, e acrescenta uma nova, a qual denomina Estética formal:

A estética sensorial é preocupada com o prazer das sensações que se recebe do Ambiente; preocupa-se com sons, cores, texturas e cheiros. A estética formal está mais preocupada com a apreciação das formas, ritmos, complexidades e sequências do mundo visual. Estética Simbólica envolve a apreciação dos significados dos ambientes que dão prazer às pessoas.

A partir destas diferenciações sobre possíveis análises em Estética, é possível explorar como a temática foi trabalhada nos diferentes paradigmas da Geografia. Sabe-se que até a década de 1960 predominou a corrente positivista na Geografia. A partir da década de 1970 houve a emergência da Geografia Humanista e Cultural.

⁴ Tradução livre de: "The ambiguity of the term 'sense' – referring to specific sense organs (sensation) and broader mental constructs (meaning) – is also a relationship between the immediate experience and metaphorical extrapolation".

Senso assim, a temática da estética e dos sentidos perpassou as duas correntes, mas cada uma analisou a questão sob diferentes enfoques. O livro intitulado "Landscape Aesthetics and Geography" foi escrito pelos autores Kennedy, Sell e Zube (1988) atuantes na universidade do Arizona, sendo os dois primeiros geógrafos, e o terceiro arquiteto. Os autores apontam que a Estética da paisagem foi dividida em um grupo mais "objetivo" e outro mais "subjetivo", também chamada de aproximação experimental ou intuitiva (KENNEDY; SELL; ZUBE, 1988, p. 40-41).

A primeira linha, voltada para a linha ambiental com esforços mais descritivos, atribui a Estética ao ambiente como "exterior" ao indivíduo, como se o espaço fosse dotado de uma Estética independente do observador, sendo assim, é como se o espaço já possuísse uma estética a priori, sendo função do pesquisador a análise desta estética, prevalecendo o que Porteous classificou como estética formal. Dentre os autores, podem ser destacados Immanuel Kant, Alexander von Humboldt, Vaughan Cornish, Jay Appleton e Carl Sauer. Embora muitos autores não abordassem o espaço embasado por uma teoria da Estética, o modo como o espaço era analisado, a partir de uma linguagem repleta de adjetivos, pode ser caracterizado como uma análise espacial Estética. Os conceitos geográficos mais enfatizados sob esta perspectiva foram os de paisagem e ambiente.

A segunda linha, voltada para a percepção humana com influência da fenomenologia, é a da Geografia Humanista, desenvolvida principalmente no cenário norteamericano a partir das décadas de 60 e 70. Esta corrente busca compreender a Estética a partir da percepção das pessoas, ou seja, a partir dos sentidos, e privilegia os conceitos de espaço e lugar. Dentre os autores que se destacam neste viés, podemos citar John Kirtland Wright, Anne Buttimer, John Douglas Porteous, Douglas Pocock, Edward Relph, Yi-fu Tuan e Donald William Meinig. Ao traçar um panorama a respeito de todos os autores supracitados

que imergiram ou tangenciaram a temática, e compreender o modo como empregaram o conceito de estética, é possível, pensar nos horizontes da Geografia Sensível aqui proposta, a partir dos aportes teóricos já consolidados. Ambas as linhas citadas serão detalhadas respectivamente nos itens a seguir.

A GEOGRAFIA INSTITUCIONALIZADA E A ESTÉTICA VOLTADA PARA LINHA AMBIENTAL

No debate filosófico racionalismo x empirismo, a primeira corrente afirma que a origem do conhecimento provém de verdades universais e da razão a priori, enquanto a segunda alega que deriva da experiência e dos sentidos. O filósofo **Immanuel Kant (1724-1804)** buscou superar tal dicotomia da epistemologia, propondo que o conhecimento é derivado de ambas as fontes. O autor apropriou-se do termo Estética em sua obra *Crítica da Razão Pura* (1971) ao conceituar Estética transcendental como “uma ciência de todos os princípios da sensibilidade a priori”. Kant já preocupava-se em destacar a ambiguidade da dupla acepção da palavra sensação já destacada, como aponta Madenfort (1974, p. 5):

Kant [p. 39-40] chama a nossa atenção para a confusão muito comum na ambiguidade do termo sensação. Quando nos referimos a sensação para significar um prazer particular, nós estamos nos referindo a algo bem diferente da sensação como o efeito de um fenômeno de um objeto como é passivamente recebido pelo cognitivo faculdades através dos sentidos. Neste último caso, o fenômeno é experienciado como pertencente ao objeto; no primeiro, simplesmente ao assunto.

Assim, o termo experiência Estética designado por Kant (1980) refere-se ao modo empírico como as pessoas percebem o mundo, de forma subjetiva. Já a Estética transcendental, refere-se a uma

universalidade que se obtém, a partir da experiência empírica, relativa aos prazeres provocados pela percepção do objeto. Ribas e Vitte (2009, p. 111) consideram que “nas páginas de sua *Crítica do Juízo*, Kant concede o primeiro passo em direção da possibilidade de encontrar o universal no singular mediante a ‘experiência estética’. Kant, na verdade, inventa a estética moderna!”.

Com o surgimento da Geografia Moderna no século XVIII, parte do mundo ainda era desconhecido ou pouco explorado. Ainda que os geógrafos viajantes não abordassem a Estética da paisagem de forma conceitual, suas obras científicas descreviam a paisagem com detalhes, atribuindo adjetivos às suas descrições de modo que os sons, as sensações táteis, olfativas estavam presentes de modo quase literário em seus relatos de viagens, enfatizando suas qualidades Estéticas. Dardel (2015, p. 81-82), expõe que “no século XVIII, de onde surgirá a primeira geografia científica, existe uma geografia sentimental e emotiva que, amplificada pela imaginação, tende para a expressão literária. A geografia como experiência afetiva e desfrute estético, torna-se uma expressão do homem”.

Alexander von Humboldt (1769-1859), geógrafo viajante, ávido por explorações aventuras e descobertas. Carregava consigo a ânsia de conhecer o mundo e as terras nunca antes exploradas. Para Vitte e Silveira (2010b, p. 613) seus registros utilizaram-se de uma linguagem que misturavam o formal científico com o poético artístico, e além de seus estudos sobre os aspectos naturais, dedicava-se também à Geografia Humana, considerando que “o homem é meio entre razão e sensibilidade”. Sua maneira de fazer ciência “enfatizou a unidade de impressões e emoções produzidas por nosso ambiente físico, bem como a complexidade das interações” (KENNEDY; SELL; ZUBE, 1988, p. 33)⁵.

⁵ Tradução livre de: “*emphasized the unity of impressions and emotions produced by our physical surroundings as well as the complexity of the interactions*”.

Com a institucionalização da Geografia em algumas cátedras de universidades europeias no final do século XIX, começam a surgir novos nomes de pesquisadores marcados pela influência de Kant, Humboldt e Ritter. O confronto da Teoria do conhecimento refletiu na ciência geográfica resultando na divisão da Geografia Geral ou nomotética (que busca a generalização), e na Geografia Regional ou idiográfica (baseado na descrição de singularidades). Cosgrove (1984 p. 17) aponta os principais geógrafos que buscaram os laços afetivos entre a pessoa e o ambiente e serão pormenorizados a seguir:

Os filósofos e escritores ingleses da estética do século XVIII, baseando-se na teoria psicológica predominante, debateram ferozmente a natureza e as origens dos laços afetivos entre o sujeito consciente e seus arredores naturais visíveis. Seus esforços, que foram ocasionados pelo uso artístico e literário da paisagem, foram continuados na geografia de Humboldt (1948) a Vaughan Cornish (1928) e, mais recentemente, Jay Appleton (1975) e Edward Relph (1976, 1981)⁶.

O geógrafo inglês **Vaughan Cornish (1862-1948)** foi um dos pioneiros a abordar estudos em percepção em Geografia, na qual destacou a experiência em arte e a apreciação do mundo através dos sentidos interpretado pela mente (RODAWAY, 2002, p. 14). Recebeu o “Prêmio Gill Memorial da Royal Geographical Society em 1900, foi Presidente da Associação Britânica em 1923 e foi Presidente da Associação Geográfica em 1928” (GOUDIE, 1972, p. 3). Cornish (1928a; 1928b; 1933b) diferencia a arquitetura de paisagens rurais e urbanas, contrapondo a apreciação visual de ambientes naturais e construídos.

6 Tradução livre de: “*Eighteenth-century English philosophers and writers on aesthetics, drawing upon prevailing psychological theory, fiercely debated the nature and origins of the affective bonds between the conscious subject and its visible natural surrounds. Their efforts, which were occasioned by the artistic and literary usage of landscape, have been continued some measure in geography from Humboldt (1948) to Vaughan Cornish (1928) and most recently Jay Appleton (1975) and Edward Relph (1976, 1981)*”.

Aponta para o planejamento e gestão pública, enfatizando a preservação da beleza cênica, e entre as alternativas, defende a criação de parques nacionais. Passou a dedicar-se a estudos em estética ambiental no final de sua carreira, na década de 1920. Após focar suas pesquisas em outras linhas temáticas, o autor afirma “eu sou capaz de ver muita beleza no mundo para o qual antigamente meus olhos estavam cegos” (CORNISH, 1933a, p. 306).

Em 1935, Cornish lançou o livro intitulado “*Scenery and the sense of Sight*”, em que aponta as propriedades de tom, cor, textura, agrupamento e movimento que afetam a percepção humana, resultando na apreciação da beleza do cenário a partir de suas experiências pessoais de viagens. No prefácio de seu livro, Cornish (1935, p. xi) descreve sua obra como “um trabalho puramente analítico de traçar impressões estéticas do cenário para os hábitos inconscientes do olho”⁷. Nesta obra, Cornish se apoia em suas próprias observações como metodologia de pesquisa, e fotografa as impressões sobre os cenários relatadas no livro. Goudie (1972, p. 10) considera que neste livro “as questões colocadas por Cornish são impressionantemente semelhantes aos apresentados por A. von Humboldt em seu ensaio sobre geografia vegetal”, e, portanto, recebeu grandes influências de seu precedente.

Jay Appleton (1919-2015) foi um geógrafo britânico, referenciado no âmbito da Geografia Humanista por suas obras “*Experience of Landscape*”, publicado em 1975 e “*The Symbolism of Habitat: An Interpretation of Landscape in the Arts*” de 1990. Na primeira obra, Appleton (1975, p. viii) afirma existir um limite para alterar o ambiente, substituindo o natural pelo artificial, sem que destrua a experiência estética. Os mecanismos que promovem as sensações são inatos

7 Tradução livre de: “*the purely analytical work of tracing aesthetic impressions of scenery to the unconscious habits of the eye*”.

dos seres humanos, mas podem ser potencializados pela prática da experiência ambiental. Sendo assim, se a pessoa quiser experienciar o ambiente esteticamente, deve resgatar algo do seu primitivo relacionamento com o habitat.

No terceiro capítulo, o autor trabalha com uma abordagem bio-histórica, na qual elaborou a teoria do prospecto-refúgio em que “sugere simplesmente que os seres humanos experimentam prazer e satisfação com paisagens, na medida em que esses ambientes são percebidos serem propícios para a realização de suas necessidades biológicas” (PORTEOUS, 1996, p. 25). Tal teoria de Appleton também é citada pelo arquiteto Pallasmaa (2013, p. 44), de modo que os sentidos humanos adquirem um caráter instintivo, e exemplifica que “o apelo sensorial e mental do fogo certamente reflete experiências de prazer profundas e primordiais similares”. Porteous (1996, p. 25) aponta que o foco dos estudos de Appleton nesta obra é voltado para paisagens não-urbanas e pré-civilizadas, em que a sensorialidade era utilizada para sobrevivência.

A segunda obra, escrita 15 anos depois, Appleton (1990) reconhece que a ideia de origem de valores estéticos em outros campos de conhecimento, como encontrados na biologia e no comportamentalismo, causou profundas divergências de opiniões. Assim, o autor volta seus estudos para o simbolismo nas artes, e aponta a distinção para os dois tipos de simbolismo na paisagem (APPLETON, 1990, p. xi-xii). A partir de tais afirmações, é possível perceber que em sua primeira obra, apesar de já haver um incipiente debate sobre a geografia humanista e cultural, o autor apresenta um pensamento determinista e uma visão behaviorista em seus estudos, enfatizando a evolução da sobrevivência humana, embasado em uma abordagem empiricista, em que critica os modos culturais de apreciação da paisagem. Já na segunda obra, há uma mudança de concepção em

consequência do pensamento vigente naquele contexto, em que uma das influências significantes foi o geógrafo cultural britânico Denis Cosgrove (1948-2008).

Posteriormente, o autor inovou suas discussões, aproximando-se das discussões atuais em geografia humanista e cultural. Em seu artigo intitulado “*Running before we can walk: are we ready to map 'beauty'?*”, Appleton (1994) aponta para a possibilidade de cartografar experiências estéticas, provocando seus leitores se nós estamos prontos para mapear a beleza e os julgamentos qualitativos. Appleton (1998) também desenvolveu em seu artigo intitulado “*Nature as Honorary Art*” uma metodologia para análise literária de narrativas de filósofos da natureza que utilizam a linguagem como simbolismo, e assim examina as fronteiras entre as artes e a ciência. Para Cosgrove (1984, p. 18) “a ‘geografia Estética’ de Vaughan Cornish e a ‘teoria do habitat’ de Jay Appleton baseiam-se no pressuposto de que a experiência da paisagem é a de percepção individual e resposta a uma cena individual”⁸.

Ao deixar de lado o cenário europeu como predominante na institucionalização da Geografia, tal ciência avança para o continente norte-americano, destacando o nome de **Carl Sauer (1889-1975)**. Goudie (1972, p. 1) aponta que Sauer citou Vaughan Cornish como um dos seis “autores geográficos que ‘por si próprios forneceriam uma educação geográfica verdadeiramente liberal’”. Os estudos em geografia humanista têm suas raízes a partir da Geografia Cultural desenvolvida na Escola de Berkeley, com forte influência positivista. Porém, o próprio Sauer (1983, p. 344) admite que:

⁸ Tradução livre de: “*Vaughan Cornish’s ‘aesthetic geography, and Jay Appleton’s ‘habitat theory’ are both predicated on the assumption that the experience of landscape is that of individual perception and response to an individual scene*”.

Geografia sensível e suas origens na estética

Bianca Beatriz Roqué

A melhor geografia nunca deixou de contemplar as qualidades estéticas da paisagem, para a qual não conhecemos outro método que não seja o subjetivo. A “fisionomia” de Humboldt, a “alma” de Banse, o “ritmo” de Volz, a “harmonia” da paisagem de Gradmann, todas estão além da ciência. Estes escritores parecem ter descoberto uma qualidade sinfônica na contemplação da cena territorial procedendo a um noviciado completo em estudos científicos e, ainda, à parte destes. Para alguns, tudo o que é mítico é abominável.

O autor desenvolveu seus estudos voltados para a Estética ambiental, entretanto, em uma fase em que já apontava para a transição de estudos mais subjetivos. Apesar de ter sido enquadrado neste texto como um representante da Estética ambiental, foi um divisor de águas para a passagem humanista. O autor considera que “há uma morfologia estética do conjunto de formas, uma morfologia Estética da paisagem, frequentemente violada pela civilização” (SAUER, 1963, p. 403-4). Kennedy, Sell e Zube (1988, p. 34) acrescentam que “Sauer forneceu um foco inicial para a tradição de estudos da paisagem na geografia americana. Ele também, no entanto, excluiu a possibilidade de abordar as qualidades estéticas da paisagem de uma maneira racional”.

Atualmente, apesar de haver uma mudança de enfoque nas pesquisas, não significa que a Estética ambiental deixou de existir, mas continua co-existindo com o enfoque mais subjetivo, abordado a seguir. A exemplo, Deborah Dixon, que atua no “*Institute of Geography and Earth Sciences, Aberystwyth University*”, escreveu juntamente com Hawkins e Straughan o artigo intitulado “*Wonder-full geomorphology: Sublime aesthetics and the place of art*” (DIXON et al, 2013) em que demonstra como a disciplina de geomorfologia pode ser estudada através de um viés artístico, poético, em que os pesquisadores apresentam as belezas da paisagem investigadas por suas percepções

corporais. As autoras apontam para um atual retorno dos estudos de Estética na geografia, do qual fazem parte. Na mesma linha, Hawkins e Straughan (2015) também publicaram o livro “*Geographical Aesthetics: Imagining Space, Staging Encounters*”, que também traça um histórico sobre o tema.

O conceito de Estética é desdobrado em subdivisões, as quais podem ser denominadas: Estética ambiental, Estética da paisagem, Estética da natureza, Estética dos ambientes naturais, Estética dos ambientes urbanos, Estética dos ambientes humanos, paisagens sensoriais (LAW, 2001; RODAWAY, 1994). Diante destas terminologias, é possível vislumbrar as possibilidades de analisar os espaços sob uma perspectiva Estética, e assim aproximar a Geografia da Filosofia.

A GEOGRAFIA NORTEAMERICANA E A ESTÉTICA SOB UMA PERSPECTIVA SUBJETIVA

Após o final da segunda guerra mundial, iniciou-se nos Estados Unidos estudos que iriam consolidar uma nova corrente da geografia: a geografia humanista. Tal paradigma iria romper com os postulados clássicos, vigentes até então, de uma ciência dura, pautada no positivismo. A geografia humanista nasceu a partir de estudos de percepção ambiental e sofreu grande influência da fenomenologia.

Nesta perspectiva, o foco dos estudos deixou de ser o ambiente, e passou a ser a mente humana. Na prática, significou introduzir um caráter mais subjetivo às investigações, em que a Estética não era mais concebida como uma característica do ambiente, mas conformada pelas pessoas que o percebiam. Assim, os humanistas propunham um olhar mais sensível aos valores humanos em detrimento de uma ciência pautada em uma racionalidade exacerbada, que utilizava-se de modelos quantitativos e mecanicistas.

Dentre os autores que se destacam neste viés, podemos citar John Kirtland Wright, Anne Buttimer, John Douglas Porteous, Douglas Pockock, Yi-fu Tuan e Donald William Meinig. Todos estes autores foram contemporâneos, e alguns ainda permanecem atuantes na carreira acadêmica, ainda que aposentados.

John Kirtland Wright (1891-1969) foi um geógrafo norte-americano formado na Universidade de Harvard. O autor era mais conhecido por seus trabalhos na área da cartografia e história da geografia americana, no entanto, seu artigo publicado em 1947 intitulado "*Terrae Incognitae: the place imagination in geography*" tornou-o uma grande influência na Geografia Humanista, por sua repercussão. O mesmo artigo foi traduzido para o português no ano de 2014, publicado na revista *Geograficidade*.

Nesta publicação, Wright (2014) traz o conceito Geosofia, quando diferencia o estudo da geografia e o estudo do conhecimento geográfico. Neste segundo, o autor propõe que não é apenas sistematizado por geógrafos, mas por pessoas de todas as áreas do conhecimento. Como, à época, não havia um termo para designar este segundo, no texto é proposto o termo geosofia, oriundo de "geo que significa 'terra' e sofia que significa 'conhecimento'" (WRIGHT, 2014, p. 14). Sendo assim, o autor defende que não há ideias geográficas verdadeiras ou falsas, e, portanto, não faz distinção entre experiências vividas de fato e experiências imaginadas, pois ambas expressam a subjetividade das pessoas na conformação do conhecimento geográfico.

Dentro deste conceito maior, aborda a imaginação Estética. Assim, o autor considera que o papel do geógrafo não é puramente descritivo e racional, mas deve ser tingido por uma subjetividade intuitiva. Wright alerta que na Geografia, é vista com desconfiança por não ser considerada científica, não possuir funcionalidade, e pela falta de habilidade dos geógrafos em dar expressão a sensibilidades. No

entanto, o autor refuta a todas estas afirmações, defendendo que a imaginação Estética é essencial para o trabalho do geógrafo, pois o modo sensível de apreciar o mundo tece as percepções com fantasias, revelando as impressões dos pesquisadores para seu leitor, de modo a "fazê-lo ver e sentir através de nossos olhos e sentimentos" (WRIGHT, 2014, p. 12).

Anne Buttimer (1938-2017) é uma geógrafa irlandesa que desenvolveu parte sua carreira nos Estados Unidos. Apesar de não ter focado sua experiência acadêmica em estudos sobre Estética, suas reflexões foram o germe que inaugurou uma nova maneira de pensar a Estética, embasado na fenomenologia e nas questões do corpo, da intersubjetividade e do *espace et le monde vécu*, ou espaço e o mundo vivido, relacionando os sentidos às capacidades simbólicas humanas. Em uma das passagens, Buttimer diferencia as concepções de mundo de pessoas que vivem no ocidente em relação ao oriente, apontando para a hegemonia do sentido visual ocidental, e para a valorização de faculdades estéticas, emocionais e volitivas de outras civilizações:

Já, evidências superficiais parecem sugerir que o que diferencia o Ocidente de outras civilizações em sua jornada em direção à totalidade é (a) ênfase no intelectual e no racional; (b) percepção visual de alguma forma mais confiável que os outros sentidos; e (c) bases mitológicas para uma concepção hierárquica de poder ao conceber o dinamismo da realidade. Em outras civilizações, encontra-se uma mistura do intelectual com faculdades estéticas, emocionais e volitivas de entendimento da totalidade⁹ (BUTTIMER, 1985, p. 264-265).

⁹ Tradução livre de: "Already, superficial evidence seems to suggest that what sets the West apart from other civilizations in its journey toward wholeness is (a) emphasis on the intellectual and rational; (b) visual perception as somehow more reliable than the other senses; and (c) mythological grounds for a hierarchical conception of power in the design and dynamism of reality. In other civilizations, one finds a blending of the intellectual with aesthetic, emotional, and volitional faculties of understanding wholeness".

Geografia sensível e suas origens na estética

Bianca Beatriz Roqué

Em algumas publicações, relatou suas experiências pessoais para fundamentar seus aparatos teóricos, e aponta seus sentidos físicos na constituição do sentido de lugar, ao afirmar:

[...] lembro-me da sensação da grama nos pés descalços, os cheiros e sons das várias estações, os lugares e tempos em que eu conheci amigos nas caminhadas, a decadência diária e o fluxo da hora da ordenha, refeições, leituras e pensamentos, dormidas e despertares (BUTTIMER, 2015, p. 10).

Assim, a autora coloca os fundamentos sensoriais como um dos elementos que compõem a experiência vivida e precedem o conhecimento intelectual:

Fenomenologistas existenciais tentaram usar o método fenomenológico para penetrar no contexto do mundo vivido no qual a experiência é interpretada. Eles têm reconhecido, também, que a experiência vivida envolve mais do que a compreensão cognitiva, e têm explorado a vasta variedade de pré-conscientes, orgânicos, e fundamentos sensoriais que precedem o conhecimento intelectual em si¹⁰ (BUTTIMER, 1976, p. 280).

A autora também dedicou-se a pesquisas voltadas para a história da Geografia. Buttimer (2001; 2004) analisou a Estética poética na ciência de Humboldt. A autora apresenta uma tabela com alguns autores filósofos contemporâneos do geógrafo, e traça um breve relato sobre suas viagens pelas Américas, e apresenta um novo quadro constando os anos, a idade de Humboldt e seus interesses de pesquisa ao longo de sua carreira, mostrando um comparativo com os interesses de Goethe.

¹⁰ Tradução livre de: "Existential phenomenologists have tried to use the phenomenological method to penetrate this lived world context within which experience is construed. They have recognized, too, that lived experience involves more than cognitive understanding, and have explored the vast variety of preconscious, organic, and sensory foundations which precede intellectual knowledge per se".

Buttimer (2001) e Vitte e Silveira (2010a) afirmam que a influência humanista de Humboldt deve-se a seus diálogos com Goethe.

Douglas Pocock (nascido em 1935) é um geógrafo britânico que trabalhou no departamento de Geografia da University of Durham-UK. Dedicou grande parte de seus trabalhos a estudos voltados para a geografia literária, entretanto, também publicou pesquisas vinculadas aos estudos dos sentidos. Pocock (1989) apontou a dimensão sonora negligenciada nos estudos geográficos dos ambientes estéticos, por causa do domínio do sentido visual. O autor enfatiza que as paisagens sonoras necessitam de um tempo maior para serem apreciadas do que as paisagens visuais. Além disso, o autor traz uma série de exemplos sobre experiências ambientais em que a audição pode captar um fenômeno antes da visão, como a tempestade que se aproxima, os motores dos veículos, o voo de um avião. Com os sons, os lugares podem ganhar uma atmosfera particular. Assim, o autor cria um novo conceito. Como aponta Palhares (2019, p. 43, destaques no original) "todo tipo de som, natural e sintético e variando de lugar para lugar, constitui o que Pocock (1989) denomina de **música da geografia**. O som revela o que está para além das aparências".

Em seu artigo "The senses in focus", Pocock (1993, p. 11) afirma que "o trabalho sensorial da microescala, há muito atrasado na geografia, pode levar a mudanças na percepção, no comportamento e, assim, para uma reformulação do nosso mundo", porém o autor ressalta que estes estudos ainda são periféricos na Geografia. O autor enfatiza que os sentidos medeiam a relação do ecológico com o espiritual, e provoca a conexão dos seres humanos com o mundo por uma base experiencial, enfatizando a importância destes estudos para a criação de ambientes mais humanizados. No decorrer de seu texto, o autor aborda os sentidos sonoros, visuais, táteis e olfativos, citando autores e publicações que contribuíram para esta temática. Porém, Palhares

(2019, p. 45) faz a ressalva de que “Pocock se dedicou à visão e à audição na geografia. Os demais sentidos foram apenas mencionados, merecendo aprofundar nas suas reflexões”. Ainda assim, o autor foi um dos pioneiros da Geografia Humanista a aprofundar estudos na Geografia sensível.

Edward Relph (nascido em 1944) estudou geografia na Universidade de Londres, e posteriormente passou a lecionar na Universidade de Toronto, no Canadá. Relph (1976) publicou o renomado livro *“Place and placelessness”*, em que no Brasil se convencionou a tradução de Lugar-sem-lugaridade. No livro, o autor considera que o espaço primitivo, aquele que se desenvolve na infância, é estruturado inconscientemente a partir das experiências individuais, a partir do movimento do corpo e com os sentidos (RELPH, 1976, p. 9). Para o autor, as sensações são indissociáveis da experiência, e cada uma destas irá influenciar novas experiências vividas, imputando o julgamento de valores estéticos a novos ambientes, a partir das vivências anteriores:

Mas é claro que coisas como pradarias ou casas não são experienciadas de alguma maneira isolada – intencionalmente meramente direciona a experiência e as experiências reais são compostas por complexas sensações visuais, auditivas e olfativas, circunstâncias e propósitos presentes, experiências e associações passadas, a sequência de desdobramentos de vistas e os vários critérios culturais e estéticos pelos quais julgamos edifícios e paisagens (RELPH, 1976, p. 17)¹¹.

¹¹ Tradução livre de: *“But of course such things as prairies or houses are not experienced in some isolated way – intentionally merely gives direction to experience and the actual experiences are composed of whole complexes of visual, auditory, and olfactory sensations, present circumstances and purposes, past experiences and associations, the unfolding sequence of vistas and the various cultural and aesthetic criteria by which we judge buildings and landscapes”*.

Ao dissertar sobre as bases fenomenológicas da Geografia, Relph afirma que alguns fenômenos não podem ser compreendidos somente com a observação, mas é preciso viver, envolver-se com a experiência. E isto é possível pois “através de nossos sentidos estamos ligados ao espaço – nós penetramos e olhamos dentro dele, movemo-nos através dele, ouvimos e cheiramos através dele” (RELPH, 1979, p. 8). Sendo assim, os sentidos são essenciais para compreender estudos que utilizam-se da fenomenologia como base.

Quatro décadas depois, em 2016, foi lançado o livro *“Place and Placelessness Revisited”*, organizado por geógrafos australianos, composto por artigos de diversos autores que desenvolveram trabalhos com aplicações práticas na atualidade, a partir dos postulados de Relph em sua clássica obra. Relph (2016) renova seu pensamento no capítulo intitulado *“The Paradox of Place and the Evolution of Placelessness”*, quando aponta que o movimento modernista dos anos 50 e 60, baseado nas inovações tecnológicas e na produção em massa, refletiu nos valores estéticos, e produziu muitos lugares sem lugaridade, isto é, ambientes nos espaços públicos que repeliam as pessoas, em vez de serem convidativos e acolhedores. Porém, a partir da década de 90, Relph considera que este tipo de ambiente inóspito decresceu, de modo a mudar as paisagens das cidades, tornando os espaços públicos mais agradáveis. O autor atribui este fato às atrações de mobilidade e comunicação que encontrou maneiras de reconectar com novos lugares. Sendo assim, reflete em uma outra mudança em que a experiência do lugar deixou de ser uma questão de raízes e heranças, e passou a ser um modo de maximizar a experiência do lugar.

O geógrafo humanista **Yi-fu Tuan (nascido em 1930)** nasceu na China, mas construiu sua carreira acadêmica nos Estados Unidos, sendo considerado hoje sino-americano. Na última instituição que atuou, Universidade de Wisconsin, em Madison, Tuan aposentou-se

e continua atuando como professor emérito. O autor desenvolveu conceitualmente o termo Topofilia cunhado por Bachelard. No decorrer de suas escritas, é explícito que a afetividade desenvolvida pelo ambiente está associada aos sentidos, por exemplo quando o autor afirma que “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas oferece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias, e ideias”. (TUAN, 2012, p. 161). Assim, Tuan (2013, p. 21) faz o questionamento e arrisca uma resposta: “quais são os órgãos sensoriais e experiências que permitem aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço e pelas qualidades espaciais? Resposta: sinestesia visão e tato”.

Pádua (2013) realizou em sua tese de doutorado uma pesquisa intensa sobre suas obras, sua carreira e influência na Geografia Humanista, e aponta a Estética e os sentidos como uma das temáticas trabalhadas por Tuan. Dez anos após a publicação da obra Topofilia, o autor requalifica os demais sentidos e reconhece a importância destes na criação de elos afetivos com os espaços, ao afirmar que:

Audição, olfato, paladar e tato são todos sentidos proximais. Os mundos conhecidos por meio deles tendem a ser acolhedores e afetuosos. [...] A visão é o nosso mais ativo sentido cognitivo. Também parece ser o menos emotivo – o mais “frio” – dos sentidos, talvez em parte porque o campo visual não nos envolve (TUAN, 1984 apud PÁDUA, 2013, p. 91).

Para o autor, os sentidos não são apenas de ordem biológica, mas fatores culturais também influenciam as formas de perceber o mundo, pois “[...] embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como suas capacidades são usadas e desenvolvidas começa a divergir numa idade bem precoce” (TUAN, 2012, p. 30). Isto ocorre devido a forma que são induzidos, desde a infância, a focar suas

atenções em sentidos específicos. Por isso, de forma geral, a cultura ocidental valoriza mais o sentido da visão em detrimento dos demais sentidos. Embora o autor não tenha realizado pesquisas empíricas, embasa-se em múltiplos exemplos de pesquisas realizadas por outros pesquisadores em diversas culturas, em distintos tempos e espaços.

Em seu livro intitulado “*Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, and Culture*”, o autor inicia a narrativa do primeiro capítulo, que refere-se a Estética na vida e na cultura, em tom espirituoso. Para Tuan (1993), o som dos pássaros e a fragrância da manhã são envolventes. Mas esta fase logo passa, quando se assume as demandas do dia, e assim, o primeiro lugar que transforma o animal em pessoa sociável, é o banheiro, em que os cosméticos dão ordem a selvageria dos cabelos. Na cozinha alimenta-se, e no escritório as pessoas adquirem outro tipo de expressão facial, gestos e comportamento. Assim, o impulso estético entende como “sentidos vêm a vida”, em diferenças de atenção para suas raízes com a natureza. Assim, a biologia é colorida pela cultura ao apreciar as belezas e significados do ambiente.

Donald William Meinig (nascido em 1924) geógrafo norte-americano, professor emérito da Syracuse University, dedicou-se, entre outros temas, a pesquisas na interpretação de paisagens e geografia cultural. O autor aborda a paisagem como lugar e aponta o uso dos sentidos físicos e simbólicos para sua percepção, conceituando que

É a paisagem como ambiente, que abrange tudo o que vivenciamos e que, como consequência, faz com que o observador cultive a sensibilidade para o detalhe, para a textura, a cor, todas as nuances das relações visuais, e mais, porque o ambiente ocupa todos os sentidos, também os sons e odores e um inefável sentido de lugar como algo proveitoso. Tal observador procura apreender os aspectos comuns para apreciar o sabor de tudo o que encontra (MEINIG, 2002, p. 44).

Quando o autor aborda a paisagem como Estética, faz uma análise da “qualidade artística” da paisagem, demonstrando como pode ser representada na pintura e afirma que “esta também é uma visão penetrante, que procura os significados que não são expressos em formas comuns. Ela se apóia na crença de que na paisagem há algo próximo à essência, à beleza e à verdade” (MEINIG, 2002, p. 45).

John Douglas Porteous (nascido em 1943) geógrafo nascido na Inglaterra e atualmente professor na University of Victoria, Canadá, no departamento de Geografia, dedicou sua carreira majoritariamente a estudos sobre Estética. Porteous (1986a, p. 2) aponta “o uso metafórico da imagética corporal em relação a paisagem”, traçando uma analogia entre o corpo e as explicações geográficas do planeta. Porteous (1986b) intitulou seu artigo de “*Intimate Sensing*”, difundindo assim o uso do termo que diversos outros autores resolveram adotá-lo. No artigo, o autor enfatizou a importância dos sentidos íntimos na Geografia, em detrimento dos aparatos técnicos utilizados na compreensão do espaço.

Em uma de suas obras mais recentes, Porteous (1996) publicou o livro intitulado “*Environmental Aesthetics: Ideas, Politics and Planning*”, em que aborda a Estética sobre vários vieses, dedicando quatro capítulos para as abordagens humanista, experimentalista, ativista e para planejadores. Assim, o autor trata da Estética nos âmbitos teórico e metodológicos.

Porteous aponta que a partir da década de 1980, o filósofo Monroe Beardsley propõe uma nova concepção sobre Estética que poderia ser denominada “ativismo estético” “Estas Noções têm imediatamente aplicações práticas. Bem-estar estético sugere que algum esforço deve ser feito para corrigir o desequilíbrio nas cidades modernas entre os bairros da riqueza estética e os da pobreza estética” (PORTEOUS, 1996, p. 22). Citando Laing o autor promove a reflexão: “[...] estamos

muito mais fora de contato até com as aproximações mais próximas dos alcances infinitos do espaço interior do que estamos agora com os alcances do espaço exterior [...] o que aconteceria se alguns de nós comessem a ver, ouvir, tocar, cheirar e saborear coisas?” (LAING, apud PORTEOUS, 1990, p. xvi). Assim, Porteous (1990) faz a análise dos quatro sentidos (tátil, olfativo, auditivo e visual) e suas contribuições para a Geografia, tanto no âmbito literal quanto metafórico.

Parece haver dois modos básicos de percepção (SCHACHTEL, 1959). Sentidos autocêntricos (centrados no sujeito) combinam qualidade sensorial e prazer; a preocupação aqui é como as pessoas se sentem. Em contraste, aloétrica (centrada no objeto) os sentidos estão preocupados com a objetivação e conhecimento; esses sentidos envolvem atenção e direcionalidade (PORTEOUS, 1996, p. 31).

Porteous (1985) dedicou um artigo para a análise do sentido olfativo e suas implicações geográficas, adotando o termo *smellscapes*, que faz uma analogia ao termo *landscape*, que é um conceito geográfico. Assim, pode ser traduzido para a língua portuguesa por paisagens olfativas, referente a relação entre cheiros, odores ou aromas que permeiam o ambiente. O autor afirma que “cheiros podem ser espacialmente ordenados e relacionados ao lugar” (PORTEOUS, 1985, p. 369). O autor afirma que o cheiro está mais relacionado a lembrança dos lugares do que com sua estruturação espacial, e pode remeter a memórias de infância.

Outro trabalho do autor intitulado *soundscape* estuda as paisagens sonoras, buscando compreender os sons do ambiente ou formular imagens sonoras da paisagem, e sugere a sonoridade como um objeto estético (PORTEOUS; MASTIN, 1985). Os autores enfatizam que o dinamismo das paisagens sonoras dificulta ou impossibilita um

“mapeamento” dos sons percebidos no ambiente, que se misturam produzindo cacofonia.

Após discorrer sobre diversos autores que abordaram a questão dos sentidos e da Estética em distintos paradigmas, faz-se necessário recapitular os nomes dos que primeiro introduziram e cunharam conceitos, para depois propor a tradução do conceito que identifique estes estudos na língua portuguesa. Assim, estudos acerca da temática dos sentidos desenvolvidos no âmbito da Geografia podem inserir-se em um aporte teórico-conceitual discutido internacionalmente.

GEOGRAFIA, ESTÉTICA E SENTIDOS

Kant foi o primeiro professor a ministrar Geografia na Universidade de Königsberg. Dentre os conteúdos que abordava em suas aulas, Elden (2011, p. 6) ressalta que “tanto a geografia quanto a antropologia foram ensinadas por Kant por causa de sua dimensão ‘pragmática’ [...] a geografia física é sobre o mundo como um ‘objeto de sentido externo’; e antropologia como um ‘objeto do sentido interior’”¹². O filósofo foi o primeiro a abordar a questão Estética em sua vinculação com a ciência geográfica. Portanto, Humboldt “forneceu a base para uma tradição estética na geografia” ao explicitar as experiências humanas” (BUNKSE, 1981, p. 127). Entretanto, o primeiro autor a utilizar a expressão “Geografia Estética” foi o inglês Vaughan Cornish, na década de 1920. Segundo Cosgrove (1984, p. 266), “Cornish escreveu uma série de livros e artigos promovendo o que ele referenciou como ‘geografia estética’, fora das técnicas específicas com as quais a geografia poderia produzir”. Como exemplo, podemos citar o artigo

¹² Tradução livre de: “Both geography and anthropology were taught by Kant because of their “pragmatic” dimension, [...] physical geography is about the world as an “object of external sense”; and anthropology as an “object of inner sense”.

de Cornish intitulado “*Harmonies of scenery. An Outline of Aesthetic Geography*”, publicado em 1928.

Mais de oitenta anos depois, já sob influência da Geografia Humanista, o conceito *Sensuous Geographies*, foi desenvolvido no livro homônimo por Paul Rodaway, com primeira edição no ano de 1994. O autor refere-se a “uma compreensão geográfica que surge do estímulo dos, ou apreensão pelos, sentidos”¹³ (RODAWAY, 2002, p. 5). Rodaway é professor na Edge Hill University, Inglaterra. Suas pesquisas focam a experiência cotidiana nos espaços urbano e rural (PILE; THIRFT, 1995). O termo já havia sido usado por Pocock (1989) na conclusão de seu artigo, porém, escreveu-o entre aspas, caracterizando-o como um conceito ainda não desenvolvido.

Os estudos em Geografia que tem por base o uso dos sentidos ainda são incipientes em pesquisas brasileiras e, por conseguinte, ainda não há a consolidação de um termo na língua portuguesa que designe estes estudos. Sendo assim, propõe-se pensar aqui qual seria a melhor tradução para o termo. Se o termo de Rodaway fosse traduzido literalmente para a língua portuguesa seria Geografias Sensuais. Sensual, segundo o dicionário Michaelis (1998, p. 1919) significa

1 Pertencente ou relativo aos sentidos ou à sensação física, sensitivo. 2 Que afeta os órgãos dos sentidos, perceptível ou percebido pelo aparelho sensorial. 3 Concernente aos prazeres da carne. 4 muito dado dos prazeres dos sentidos ou à satisfação do apetite carnal.

Apesar de os dois significados apontados pelo dicionário serem o mesmo para o termo em inglês, *Sensuous*, o contexto semântico do termo em língua portuguesa está usualmente associado ao significado

¹³ Tradução livre de: “*Sensuous geography*’ therefore refers to a study of the geographical understanding which arises out of the stimulation of, or apprehension by, the senses”.

libidinoso, concernente a terceira e quarta definições. Portanto, a tradução de Geografias Sensuais poderia ser mal interpretada, à primeira vista.

Outra tradução possível, seria Geografias Sensoriais. Segundo o dicionário Michaelis (1998, p. 1919) a palavra sensorial significa “1 pertencente ou relativo ao sensório. 2 relativo ou pertencente aos sentidos ou à sensação; sensório; sensitivo”. Porém, já existe a área da geografia denominada Sensoriamento Remoto, que visa coletar informações sobre a superfície da terra através de sensores distantes. Novamente, esta segunda denominação poderia gerar uma dupla interpretação. Optou-se, portanto, em traduzir o termo para Geografia Sensível. O verbete sensível do dicionário Michaelis (1998, p. 1919) significa

1 Que é dotado de sensibilidade 2 Capaz de receber impressões de agentes exteriores pelos órgãos dos sentidos 3 Que tem facilidade em experimentar impressões emocionais 4 Capaz de ser percebido pelos sentidos 5 Perceptível a mente.

Alguns geógrafos brasileiros já utilizaram o termo, como Dantas e Moraes (2018), Nunes e Rego (2011) e Vitte (2010), ainda que nenhum deles tenha-o especificado enquanto um conceito já consolidado. O último autor, professor atuante na área de Epistemologia da Geografia na Universidade Estadual de Campinas, faz um levantamento da etimologia da palavra, e aponta que:

Segundo o dicionário Houaiss (2009) o vocábulo sensível surgiu no século XIV, derivado do latim *sensibilis* e originalmente dizia respeito ao que está sujeito aos sentidos. Corresponde a um adjetivo de dois gêneros, que sente, que tem sensibilidade, que recebe facilmente as impressões. Já o vocábulo sensibilidade surgiu no século XVII (1672-1693) e dizia respeito à qualidade do

que é sensível. Ainda segundo Houaiss (2009), sensibilidade é um substantivo feminino, que na filosofia kantiana está ligada a faculdade responsável pela recepção das informações sensoriais, determinando os fundamentos empíricos do processo cognitivo que o sujeito estabelece com os objetos do mundo. Por sua vez, o vocábulo sensibilização surgiu por volta de 1877 e está associado à ação de sensibilizar (VITTE, 2010, p. 8).

A exposição do autor sintetiza a opção da escolha da palavra sensível para designar uma geografia que apreende o espaço por meio de todos os sentidos, ao mesmo tempo em que permite às pessoas a expressarem-se sensivelmente, por meio da fala, da escrita, das expressões corporais, da arte. A geografia sensível compreende, portanto, modos de perceber o mundo e de exteriorizar as afetações provenientes de experiências vividas.

TRABALHOS EMPÍRICOS EM RELAÇÃO AOS SENTIDOS E À GEOGRAFIA

Ao longo dos últimos anos, o conceito de paisagem vem incorporando a presença dos sentidos em sua composição ao criar neologismos acoplando as palavras referentes aos sentidos à palavra paisagem, resultando em conceitos como: *smellscapes* (PORTEOUS, 1985); *soundscape* (SCHAFER, 2011), *walkscapes* (CARERI, 2013), *landscapes of touch* (CLASSEN, 2012, p. 76) já sendo traduzidas para a língua portuguesa por Gaspar (2001). Nem todos estes autores são geógrafos, mas sendo a paisagem um conceito geográfico, os geógrafos vêm se apropriando destes autores.

Alguns autores, principalmente das áreas de arquitetura e filosofia, que não cursaram a graduação em Geografia, passaram a dedicar-se posteriormente aos estudos desta ciência em seus cursos de pós-graduação, ou até mesmo em pesquisas independentes, e contribuíram para estudos em sentidos e Estética.

Geografia sensível e suas origens na estética

Bianca Beatriz Roqué

Até o momento foi apresentado um resgate teórico sobre autores que enfatizaram a importância dos sentidos para percepção do espaço. Entretanto, os teóricos mais renomados, não realizavam pesquisas empíricas sobre o assunto. Portanto, serão apresentados alguns exemplos de como podem ser explorados os sons, o tato, o olfato e o paladar de espaços urbanos.

Algumas pesquisas sobre paisagens sonoras têm sido desenvolvidas em áreas de conhecimento como Geografia, Arquitetura, Design, Música e outras. No âmbito mundial, Murray Schafer (2011), compositor canadense, foi o primeiro autor a cunhar o termo paisagem sonora. No Brasil, alguns trabalhos vêm sendo publicados recentemente, como na arquitetura (ROÇA, 2014), na música (NAKAHODO, 2014), na Geografia (TORRES, 2014; 2009; MALANSKI, 2018). Em destaque, Nakahodo desenvolveu um mapa das paisagens sonoras de Curitiba, cujo trabalho foi divulgado no jornal Gazeta do Povo (COSTA, 2016). A autora deste trabalho desenvolveu no dia 01 de outubro de 2016 com alunos do Laboratório Território, Cultura e Representação – LATECRE, do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná uma oficina intitulada “*Soundwalk*”.

Consistiu em uma breve conversa sobre as sonoridades da cidade, depois uma caminhada pelo calçadão da rua XV de Novembro, partindo da praça Osório. Cada participante colocava fones de ouvido, carregando um microfone amplificador, por cerca de 10 minutos durante a caminhada. A cada pessoa que participava da experiência, percebia-se a expressão de êxtase e admiração. A amplificação de sons quase imperceptíveis do cotidiano possibilitou a abertura para um mundo de riqueza infinita de nuances sonoras. Sons de pássaros em árvores distantes, a vassoura do gari varrendo as ruas, os passos dos caminhantes, variando em intensidade e ritmo conforme as personalidades e tipos de calçados, o som do vento, das águas do

chafariz e até mesmo a invasão de privacidade, de ouvir fofocas íntimas de pessoas que sussurravam pensando não estarem sendo ouvidas.

O sentido tátil com as mãos é pouco utilizado em espaços públicos urbanos. A atividade de tocar pode ser mais explorada em locais como parques, praças com áreas verdes, gramado, arborização, áreas de lazer em geral. Para exemplificar como estes ambientes podem ser explorados, relatamos o caso da Praça Santos Andrade, localizada em Curitiba. Uns dos elementos que chamava a atenção neste local eram as 11 estátuas e bustos, que a jornalista Domakoski (2016) aponta ser “[...] uma viagem no tempo e fornecem informações valiosas sobre a cidade”. Na mesma matéria, a professora de história das artes da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) Rosemeire Odahara Graça, afirma: “[...] enquanto a obra bidimensional parece endear a pessoa, porque não pode ser tocada, a tridimensional é tátil, permite uma relação afetiva”. Hillman (1993, p. 39) lembra que “temos memórias emotivas em nossas cidades através de parques históricos, estátuas de personalidades, memoriais de guerra, a tradição dos fundadores”. Apesar da importância apontada pelos autores, as estátuas foram retiradas do local pela prefeitura.

De fato, as estátuas permitiram vivenciar uma experiência Estética quando Roqué, Ross e Bill (2016) realizaram uma pesquisa, e tocaram os monumentos com as mãos. No caso dos pesquisadores, dois cegos e uma vidente, não seria possível saber da existência das estátuas pelas pessoas cegas sem que fossem conduzidas até o local. Se a pessoa cega não sabe da existência desses monumentos, como irá construir as memórias emotivas apontadas por Hillman? A partir da experiência, é possível concordar com Diderot (2006, p. 44) que “[...] um povo de cegos poderia ter estatuários e tirar das estátuas a mesma vantagem que nós experimentamos ao tocar as estátuas fosse muito mais vivo que aquele que nós experimentaríamos ao vê-las”.

Os cheiros das cidades podem ser efêmeros ou estarem sempre presentes em determinadas localidades. Os cheiros são fatores característicos dos trajetos da cidade, que também podem servir como referenciais para a locomoção nos espaços públicos e na formulação da imagem da cidade. Podem estar associados a pequenas ou grandes porções da cidade, em que “[...] cada região possui seus odores próprios ligados à vegetação, às estações, aos animais ou às indústrias locais que impregnam o espaço com seus eflúvios propícios ou nefastos” (LE BRETON, 2016, p. 307).

Henshaw (2014) se aventurou a mapear os cheiros de várias cidades lançando o livro *“Urban smellscapes”*. A autora também mantém um site (<https://smellandthecity.wordpress.com/>), onde posta notícias relacionadas a eventos, publicações e trabalhos científicos relacionados aos cheiros da cidade. A autora inicia abordando aspectos históricos sobre os cheiros nas cidades, depois aborda sobre as qualidades das percepções e denomina *“smellwalk”* um estudo de caso na Inglaterra em que mapeou as paisagens olfativas, e depois aponta os cheiros mais característicos da cidade na atualidade, apontando aspectos como a qualidade do ar e o cheiro de comida, de vegetação, entre outros.

No Brasil, um dos primeiros trabalhos acerca da temática sobre paisagens olfativas, Yamaki (2001) faz um estudo das paisagens olfativas da cidade de Londrina. Okamoto (2002) cita dois exemplos sobre o marketing do cheiro ocorridos na cidade de Curitiba no ano de 1993 quando a Pizza Hut lançou “16 *outdoors* com fotos de pizzas que espalhariam o cheiro por cerca de dez metros, borrifado no ar por um aparelho espargidor instalado no cartaz” (Folha de S. Paulo, 21 set. 1993 apud Okamoto, 2002, p. 128). O outro caso ocorreu “em agosto de 1996, a Espetinhos Mimi espalhou *outdoors* com cheiro de churrasco nas principais avenidas de São Paulo e em mais de 33 cidades” (O Estado de S. Paulo, 13 ago. 1996 apud Okamoto 2002, p. 129).

A Geografia dos Sabores ganha um destaque especial nas pesquisas realizadas pelo GHUM. A cada dois anos, o grupo organiza o “Seminário Sabores Geográficos”, o que indica ser uma temática de pesquisa já consolidada no Brasil. Gratão e Marandola Jr. (2011) relacionam o sabor, a experiência e a geograficidade, tecendo relações entre paisagens, sensações e sentimentos. No último evento, realizado em 2017, Marandola Jr. traz uma reflexão que extrapola a concepção do paladar enquanto uma degustação alimentar, demonstrando que é possível “degustar um lugar” no sentido de alimentar-se de tudo que ele constitui e desfrutar dos (des)prazeres que o lugar pode oferecer.

A partir de uma análise teórica sobre os sentidos da audição, do tato e do olfato e suas influências na percepção espacial, foi possível compreender a importância destes estudos científicos inseridos no contexto da Geografia Humanista-Cultural, demonstrando que há possibilidades para os estudos dos sentidos não apenas sob um viés biológico, fisiológico. Ao descrever os sentidos percebidos em determinado ambiente, pode-se sensibilizar os leitores tanto em relação ao espaço quanto em relação à alteridade, quando estes se esforçam a identificar as percepções apontadas. Diferentes culturas privilegiam distintos sentidos na percepção do espaço. Na cultura ocidental, principalmente no modo de vida urbano, é privilegiado o sentido da visão, inclusive no modo de se conceber a ciência. Assim, a Geografia do sensível é capaz de fazer com que as pessoas percebam outras nuances do mundo.

POR UMA ESTÉTICA DOS LUGARES

Qual a relevância da exploração dos sentidos para uma contribuição de forma geral na ciência e na sociedade? Todos os dias sentimos. De fora para dentro, são absorvidos o mundo pelos órgãos dos

Geografia sensível e suas origens na estética

Bianca Beatriz Roqué

sentidos. Cheiros, sons, texturas, gostos. Sente-se de dentro para fora, sentimentos são externalizados em ações. Os primeiros sentidos provocam os segundos, que são devolvidos ao mundo, retornam no eterno processo mútuo. Sentir parece uma banalidade, um cotidiano tão corriqueiro e trivial que nem valeria a pena ser mencionado. Mas sentir é o que nos mantém vivos. Diferentes pessoas podem variar suas percepções, ainda que partilhem das mesmas condições biológicas. Existe um certo grau de variação, conforme a cultura e conhecimento de cada pessoa, mas os seres humanos conseguem interagir, pois possuem uma mesma estrutura de pensamento, ou seja, certa intersubjetividade que torna possível a aproximação de generalizações.

No presente texto foi traçado um panorama sobre o histórico da associação entre Geografia e Estética. Ao conhecer esta aproximação, é possível compreender que a discussão não é nova, mas remonta desde os primórdios da institucionalização da disciplina. Em um primeiro momento, os estudos em percepção estavam predominantemente vinculados aos conceitos geográficos de espaço, meio ambiente e paisagem. Com o advento da Geografia Humanista, passou a ser valorizado o conceito de lugar.

Foi demonstrado que sensibilizar pode adquirir duas dimensões: a biológica, que capta o mundo através dos órgãos dos sentidos, e a psicológica, que cria um sentimento a partir daquilo que se percebe com o corpo, sendo assim, um julgamento por parte do percipiente. O primeiro sentido conduz ao segundo instantaneamente, de modo que ao sentir, o (des)prazer corporal a partir daquilo que se percebe conduz às pessoas atribuem significados simbólicos, relativos aos sentimentos suscitados. Vimos também que apesar de a Arte caracterizar-se o objeto de estudo da Estética, o espaço geográfico também pode ser analisado a partir da perspectiva Estética.

O sentimento de atração pela obra de arte é conceituada como Belo, e o contrário, sentimento de repulsão, como Feio. Na geografia, o sentimento de atração pelo espaço é denominado por Dardel (2015) de Geograficidade, e por Tuan (2013) de Topofilia, termos que não são sinônimos mas se aproximam em sua essência de uma (re)ligação entre as pessoas e o meio que as envolve. O contrário, sentimento de repulsão pelo espaço, foi denominado por Reph (1976) de Topofobia, a partir do neologismo do termo de Tuan. O mesmo autor insere uma outra possibilidade de se pensar o espaço por uma perspectiva neutra ao qual atribuiu o nome de lugar sem lugaridade, tradução de placelessness. Sendo assim, propõe-se aqui, pensar as aproximações possíveis em relação aos estudos em Estética, e estudos sobre o Lugar para a Geografia. 

REFERÊNCIAS

- APPLETON, Jay. Nature as Honorary Art. **Environmental Values**, Cambridge, n. 7, p. 255-266, 1998.
- APPLETON, Jay. Running Before We Can Walk: are we ready to map 'beauty'? **Landscape Research**, v. 19, n. 3, p. 112-119, 1994.
- APPLETON, Jay. **The symbolism of habitat: an interpretation of landscape in the arts**. Seattle: University of Washington Press, 1990.
- APPLETON, Jay. **The Experience of Landscape**. London: John Wiley & Sons, 1975.
- BUNKSE, Edmunds V. Humboldt and an Aesthetic Tradition in Geography. **Geographical Review**, v. 71, n. 2, p. 127-146, 1981.
- BUTTNER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, v. 5, n.1, p. 4-19, 2015.
- BUTTNER, Anne. Nature, water symbols, and the human quest for wholeness. In: SEAMON, David; MUGERAUER, Robert (Eds.).

Dwelling, place and environment towards a phenomenology of person and world. Dordrecht: Nijhoff, 1985. p. 259-280.

BUTTNER, Anne. Beyond Humboldtian science and Goethe's way of science: Enduring themes in Alexander von Humboldt's geography. **Erdkunde Band**, n. 55, p. 105-120, 2001.

BUTTNER, Anne. Grasping the dynamism of lifeworld. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 66 n. 2, p. 277-292, 1976.

BUTTNER, Anne. Poetics Aesthetics and Humboldtian Science. In: Gamerith, W. MESSERLI, P.; MEUBURGER, P.; WANNER, H. (Eds.). **Alpenwelt – Gebirgswelten, Inseln, Brücken**. 54 Deutscher Geographentag. Tagungsbericht und wissenschaftliche Abhandlungen. Berne: Heidelberg, 2004. p. 63-78.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática Estética**. São Paulo: GG Brasil, 2013.

CLASSEN, Constance. **The deepest sense: a cultural history of touch**. Urbana; Chicago; Springfield: University of Illinois Press, 2012.

CORNISH, Vaughan. **Scenery and the sense of Sight**. Cambridge: Cambridge University Press, 1935.

CORNISH, Vaughan. On a method of cultivating the aesthetic sense in the study of nature. **Geographical Association**, v. 18, n. 4, p. 305-306, 1933a.

CORNISH, Vaughan. Aesthetic principles of Town and Country Planning. **Journal Scottish Geographical Magazine**, v. 49, 1933b.

CORNISH, Vaughan. Harmonies of scenery. An Outline of Aesthetic Geography. **Geographical Association**, v. 14, n. 5, p. 383-394, 1928a.

CORNISH, Vaughan. The Preservation of Scenic Beauty in Town and Country. **The Scientific Monthly**, v. 27, n. 4, p. 349-354, 1928b.

COSGROVE, Denis. **Social Formation and Symbolic Landscape**. London: Croom Helm, 1984.

DANTAS, Eugênia M.; MORAIS, Ione R. D. Geografia: entre o sensível e o científico, um conhecimento complexo. **GEOgraphia**, v. 20, n. 44, p. 51-59, 2018.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DIXON, Deborah P.; HAWKINS, Harriet; STRAUGHAN, Elizabeth R. Wonder-full geomorphology: Sublime aesthetics and the place of art. **Progress in Physical Geography**, v. 37 n. 2, p. 227-247, 2013.

DOMAKOSKI, Mariana. As 11 personalidades que se escondem na Santos Andrade. **Jornal Gazeta do Povo**, Curitiba, 04 out. 2016. Haus, Estilo & Cultura. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/haus/estilo-cultura/as-11-personalidades-que-se-escondem-na-santos-andrade/>. Acesso em: 15 jan. 2018.

ELDEN, Stuart. Reintroducing Kant's Geography. In: ELDEN, Stuart; MENDIETA, Eduardo (Eds.). **Reading Kant's Geography**. Albany: SUNY, 2011. p. 1-15.

FIGURELLI, Roberto. **Estética & Crítica**. Curitiba: EdUFPR, 2007.

GASPAR, Jorge. O retorno da paisagem à geografia. **Finistera**, v. 36, n. 72, p. 83-99, 2001.

GOUDIE, Andrew. Vaughan Cornish: Geographer (With a Bibliography of His Published Works). **Transactions of the Institute of British Geographers**, n. 55, p. 1-16, 1972.

GRATÃO, Lúcia H. B.; MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, v. 26, p. 59-74, 2011.

HAWKINS, Harriet; STRAUGHAN, Elizabeth. **Geographical Aesthetics, Imagining Space, Staging Encounters**. New York; London: Routledge, 2015.

HENSHAW, Victoria. **Urban Smellscapes: Understanding and Designing City Smell Environments**. New York: Routledge, 2014.

HILLMAN, James. **Cidade & alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KENNEDY, Christina B.; SELL, James L.; ZUBE, Ervin H. Landscape Aesthetics and Geography. **Environmental Review**, Arizona, v. 12, n. 3, p. 31-55, 1988.

LAW, Lisa. Home cooking: Filipino women and geographies of senses in Hong Kong. **Ecumene**, v. 8, n. 3, p. 264-283, 2001.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MADENFORT, Duke. The Aesthetic as Immediately Sensuous: An Historical Perspective. **Studies in Art Education**, v. 16, n. 1, p. 5-17, 1974.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Os sons do cotidiano: interpretação geográfica das sonoridades do calçadão de Londrina, Paraná. 2018. 207 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MARANDOLA JR., Eduardo. O gosto da morte na vida dos lugares. **Geografias**, Edição Especial Sabores Geográficos, Belo Horizonte, p. 71-82, 2018.

MEINIG, Donald W. O olhar que observa: dez versões da mesma cena. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 35-46, 2002.

NAKAHODO, Lilian. Cartografias Sonoras: um estudo sobre a produção de lugares através de práticas sonoras contemporâneas. 2014. 164 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

NAME, Leo. O conceito de paisagem na geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 163-186, 2010.

NUNES, Camila Xavier; REGO, Nelson. As geografias do corpo e a educação (do) sensível no ensino de Geografia. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 86-107, 2011.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento**: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Mackenzie, 2002.

PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências. 2013. 208 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PALHARES, Virgínia. Para além da literatura: outras linguagens. In: DINIZ, Alexandre M. A.; ALVIM, Ana M. M.; PEREIRA, Doralice B.; DEUS, José A. S. de; PÁDUA, Letícia (Orgs.). **Metamorfoses possíveis compartilhadas**: leituras em Geografia Cultural. Belo Horizonte: Letramento, 2019. p. 38-46.

PALLASMAA, Juhani. **A Imagem corporificada**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PILE, Steve; THIRFT, Nigel. **Mapping the Subject**: Geographies of Cultural Transformation. London: Routledge, 1995.

POCOCK, Douglas. The Senses in Focus. **Area**, v. 25, n. 1, p. 11-16, 1993.

POCOCK, Douglas. Sound and the Geographer. **Journal of the Geographical Association**, n. 324, v. 74, 1989.

PORTEOUS, John Douglas. **Environmental Aesthetics**: Ideas, Politics and Planning. USA; Canada: Routledge, 1996.

PORTEOUS, John Douglas. **Landscapes of the Mind**: Worlds of Sense and Metaphor. Toronto: Toronto University Press, 1990.

PORTEOUS, John Douglas. Bodyscape: the body-landscape metaphor. **Canadian Geographer**, v. 30, n. 1, p. 2-12, 1986a.

PORTEOUS, John Douglas. Intimate sensing. **Area**, n. 18 v. 3, p. 250-251, 1986b.

PORTEOUS, John Douglas. Smellscape. **Progress in Human Geography**, v. 9, n. 3, p. 356-378, 1985.

Geografia sensível e suas origens na estética

Bianca Beatriz Roqué

PORTEOUS, John Douglas; MASTIN, J. F. Soundscape. **Journal of Architectural Planning Research**, v. 2, p. 69-186, 1985.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4 n. 7, p. 1-25, 1979.

RELPH, Edward. The Paradox of Place and the Evolution of Placelessness. In: FREESTONE, Robert; LIU, Edgar (Eds.). **Place and Placelessness Revisited**. New York: Routledge, 2016. p. 20-34.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

RIBAS, Alexandre Domingues; VITTE, Antônio Carlos. O Curso de Geografia Física de Immanuel Kant (1724-1804): Cosmologia e Estética na construção epistemológica da Ciência Geográfica. **RA'EGA**, Curitiba, n. 17, p. 103-111, 2009.

RODAWAY, Paul. **Sensuous Geographies: Body, sense and place**. London: Taylor & Francis, 2002.

ROQUÉ, Bianca Beatriz; ROSS, Paulo Ricardo; BILL, Leomir Barbosa. Cartografando sentidos: percepções de pessoas cegas nos caminhos da cidade. In: ROSANELI, A. F. (Org.). **Olhares pelo espaço público**. Curitiba: Setor de Tecnologia da UFPR, 2019. p. 176-202.

SAUER, Carl. The morphology of landscape. In: LEYGHLY, John (Ed.). **Land and Life: a selection from the writings of Carl Sauer**. Berkeley: University of California Press, 1983. p. 315-350.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: EdUNESP, 2011.

SENSÍVEL. In: **Michaelis dicionário**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 1919.

SENSORIAL. In: **Michaelis dicionário**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 1919.

SENSUAL. In: **Michaelis dicionário**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998, p. 1919.

TORRES, Marcos Alberto. Os sons que unem: a paisagem sonora e a identidade religiosa. 2015. 242 f. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2013.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Passing Strange and Wonderful: Aesthetics, Nature, and Culture**. Washington: Island Press, 1993.

VITTE, Antônio Carlos. Da sensibilidade à representação da paisagem: considerações sobre a Estética da natureza como um recurso para a sensibilização ambiental. **RA'EGA**, Curitiba, n. 20, p. 7-17, 2010.

VITTE, Antônio C. SILVEIRA, Roberison. Kant, Goethe e Alexander Humboldt: Estética e paisagem na gênese da geografia física moderna. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, v. 4, n. 8, p. 7-14, 2010a.

VITTE, Antonio C.; SILVEIRA, Roberison W. Considerações sobre os conceitos de natureza, espaço e morfologia em Alexander von Humboldt e a gênese da geografia física moderna. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 607-626, 2010b.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, Inverno 2014.

YAMAKI, Humberto Tetsuya. Cheiros da cidade: paisagem olfativa. In: FUSCALDO, W.; MARANDOLA JR., E. (Orgs.). **"Quem tem medo do interior?" – urbano-rural: que espaço é esse?** Contribuições Científicas da XVIII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Londrina: EdUEL, 2001, v. 1. p. 205-207.

Submetido em Outubro de 2019.

Aceito em Março de 2020.